

OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE AO CRISTIANISMO

Mundus Inversus e o Reino dos Céus

Pedro Vistas
Universidade da Beira Interior
pvidovistas@gmail.com

Resumo

O propósito deste estudo é identificar e explorar a distinção entre o Cristianismo enquanto caricatura popular, genericamente atacado, e o Cristianismo real ou essencial, estabelecido por Cristo. O ensaio defenderá que o Cristianismo na sua mensagem radical e na sua experiência não é, de modo algum, secularizável, descobrindo nos Evangelhos como Cristo via o mundo civilizado: como *mundus inversus*.

Palavras-chave: Cristianismo / anticlericalismo / mundo / evangelização / Igreja Católica

Abstract

The purpose of this study is to identify and *explore the distinction between* Christianity as the popular caricature *so generally attacked, and the real-essential Christianity* established by Christ. *The essay will argue that* Christianity in its radical message and experience is not, in any sense, secularizable, discovering, in the Gospels, how Christ saw the civilized world: as *mundus inversus*.

Key words: Christianity / anti-clericalism / world / evangelism / Catholic Church

“Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para podermos conhecer os dons da graça de Deus. E deles não falamos com palavras que a sabedoria humana ensina, mas com as que o Espírito inspira, falando de realidades espirituais em termos espirituais. O homem terreno não aceita o que vem do Espírito de Deus, pois é uma loucura para ele. Não o pode compreender, pois só de modo espiritual pode ser avaliado”.

1 Cor 2, 12-14.

“Há mais fé e há mais verdade,
Há mais Deus com certeza
Nos cardos secos dum rochedo nu
Que nessa bíblia antiga... Ó Natureza
A única bíblia verdadeira és tu!...”

Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*.

1 – A circunstância em análise:

A despeito das igrejas progressivamente vazias¹, o Cristianismo mantém-se como alvo favorito do anedotário das novas massas (não se pode já falar de classes) ilustradas (dizê-lo é forçar o termo), como bode de expiação privilegiado para os males do mundo, ainda, *mas como se sempre* numa vanguarda de descoberta, entendido como o grande opressor ou o opiáceo ilusor, e, no fundo, como uma mentira organizada em torno de um conjunto de ideias estimáveis mas utópicas, dimanadas por uma figura lendária ou usurpada por uma súcia perversora. O antagonismo face à identidade Cristã ocidental tornou-se tão generalizado e estruturante, que o Cristianismo passou a ter um desempenho mais reactivo do que afirmativo, em sucessivos *aggiornamentos* que tentam cativar o mundo anti-Cristão, desconfigurando não poucas vezes o fundamento Cristão no que vem a resultar numa sua mundanização.

¹ Para uma resenha das drásticas mudanças na demografia do Cristianismo, veja-se de USTORF, Werner, “A missiological postscript”, in MCLEOD and USTORF (eds), *The Decline of Christendom in Western Europe, 1750–2000*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003, pp. 219–220.

2 – Do Cristianismo além da sua caricatura:

A dita desconfiguração não é apenas um desvio porquanto, sendo o Cristianismo essencialmente insecularizável², antes deve considerar-se como uma degeneração que faz perder a identidade essencial do que se pretenderia transmitir³. Para este facto, contribui ainda uma noção do Cristianismo, mesmo intra-Cristã, como uma Tradição branda, sempre flexível, adaptável, receptiva, no mote literal do *oferecer a outra face*⁴. E, se é certo que o Mistério do Gólgota é o derramamento de Amor por todos, desde logo pelos inimigos, é também não menos verdadeiro que a economia espiritual, desde logo no exemplo maior de Cristo, não prescinde de discernimento, de afirmação, de *separar o trigo do joio*⁵, de preservar o Santo da profanação mais vã⁶, de atender a que se a sementeira é universal, raros, raríssimos serão os que estão em condições de frutificar⁷.

Assim, por mais que imbuídas de boa vontade, importa considerar se as acções que impelem o Cristianismo em abertura ao mundo não resultam em luzentes pérolas deitadas a porcos e assim despedaçadas⁸, sem proveito e com o prejuízo de desperdiçar no lodo indistinto o que doutro modo poderia servir de referência condutora, mesmo que a poucos⁹.

² Cf. VISTAS, Pedro, “Do Insecularizável Cristianismo - uma leitura radical”, in *Didaskalia*, XLVI, 2016, I, pp. 177-202.

³ Transmissão, Tradição, que é, essencialmente, uma experiência, facto insuspeitado pelos detractores do que, afinal, desconhecem por não experimentarem.

⁴ Cf. *Lc* 6, 29.

⁵ Cf. *Mt* 13, 24-30.

⁶ Cf. *Mt* 7, 6. Veja-se que *sanctus* tem ainda a acepção de separado.

⁷ Cf. *Mt* 13, 3-9.

⁸ Cf. *Mt* 7, 6.

⁹ O equacionamento espiritual opõe-se às avaliações tendencialmente quantitativas do mundo que primam por admitir que é bom o que serve ao maior número. Cf. *Mt* 22, 14.

Com efeito, não poucas vezes Cristo afirma um cortante *a Deus o que é de Deus e a César o que é de César*¹⁰, atingindo porventura a culminância na purificação do Templo, expulsando os vendilhões¹¹ a chicote¹², em ordem a que a Casa do Pai não se vertesse numa feira¹³. Cristo não é o amorfo sacrificial do imaginário caricatural; pelo contrário, indigna-se com o indigno¹⁴, e é pelo sumo discernimento e voluntarismo da sua oblação que o sacratíssimo sangue do *Agnus Dei* salva. É na dimensão ética da *kénosis* voluntária e não num qualquer automatismo passivo em cumprimento de previsões profetológicas que se pode compreender a redenção operada no trânsito de Jesus abandonado para a entrega do espírito ao Pai¹⁵. Jesus é Aquele que escolhe os doze¹⁶, não alguém que se funde num todo indiferenciado, é Aquele que condena o mundanizado farisaísmo que veda o Reino, dizendo: “Nem entrais vós nem deixais entrar os que o querem fazer”¹⁷.

O *mundus* ou o κόσμος, enquanto estado de coisas, enquanto organização civilizacional e não enquanto Criação, é o que, desde logo, não acolhe o Natal do Redentor¹⁸, o que prefere a soltura de Barrabás¹⁹, o que acaba por crucificá-Lo²⁰. O mundo enquanto *mores*, enquanto costumes, έθος ou moral, opõe-se ao ontológico ήθος onde se descobre o Reino²¹, esse recesso íntimo que é também o do Natal do Santo Menino ou o do Sepulcro donde sai O Ressurrecto, não o dos associacionismos

¹⁰ Cf. *Mt* 22, 21.

¹¹ Cf. *Mt* 21, 12-13.

¹² Cf. *Jo* 2, 15.

¹³ Cf. *Jo* 2, 13-16.

¹⁴ Cf. *Mc* 3, 5. Note-se que a indignação, e mesmo a ira (por si mesmas amorais), podem ser justificadas no amor. Cf. *Ef* 4, 26.

¹⁵ Cf. *Lc* 23, 46; *Jo* 20, 30. Veja-se, ainda, a extraordinária profundidade da meditação sobre Jesus Abandonado, no carisma de Chiara Lubich, por exemplo em LUBICH, Chiara, *A Unidade e Jesus Abandonado*, Parede, Cidade Nova, 1985.

¹⁶ Cf. *Mc* 3, 13-15.

¹⁷ Cf. *Mt* 23, 13. Atenda-se ao discurso integral contra o farisaísmo moral em *Mt* 23, 1-36.

¹⁸ Cf. *Lc* 2, 7.

¹⁹ Cf. *Mt* 27, 21.

²⁰ Cf. *Mt* 27, 26 e segs.

²¹ Esta tese é extensamente sustentada em VISTAS, Pedro, *Da Ética Radical de Cristo*, UCP, 2017 (no prelo).

exteriores e exteriorizantes que tipicamente se entendem por mundanos. Assim, a Tradição é levada à perfeição tendo em conta a Re-velação²² e a autoridade metafísica de Cristo, e não os costumes de leis e morais instituídas²³ que mantêm o estado de coisas, defendendo-o. A terra constituída pelo homem, o *mundus inversus* tendo em conta a *ordo amoris* do Reino, o (i)mundo, portanto, merece uma destruição incendiária purgativa: “Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado”²⁴. Porque se o grão de trigo não morrer, não frutifica²⁵, porque a sementeira depende das condições do amanhã da terra²⁶. Assim, a *Pax Christi* edulcorada a passividade acrítica e aceitante de tudo quanto o mundo imponha, na caricatura, antes se apresenta oponente a doutrinas seculares de aparentismo contra-metanóico, descendo sobre o inessencial nevoento e relativista, cindindo-o como espada de justiça em suma exigência ontológica, ética e espiritual: “Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Porque vim separar o filho do seu pai, a filha da sua mãe e a nora da sua sogra; de tal modo que os inimigos do homem serão os seus familiares”²⁷. A *Pax* é, pois, discernente e amorosa, mas intransigente com a inautenticidade mundanal do estado de coisas invertido, antípoda da ordem do Reino de Deus. Assim, os discípulos (que são aqueles que experimentam Cristo, Dele participando, desde logo no seu sentir²⁸) são advertidos sobre a expectável oposição do κόσμος: “Se o mundo vos odeia, reparai que, antes que a vós, me odiou a mim. Se viésseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, como não vindes do mundo, pois fui Eu que vos escolhi do meio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia”²⁹. Di-lo,

²² Cf. *Mt* 5 17-20.

²³ Cf. *Jo* 4, 1-42; *Jo* 8, 1-11.

²⁴ Cf. *Lc* 12, 49.

²⁵ Cf. *Jo* 12, 24.

²⁶ Cf. *Mt* 13, 1-9.

²⁷ Cf. *Mt* 10, 34-36

²⁸ Cf. *Fl* 2, 5.

²⁹ Cf. *Jo* 15, 18-19.

com suma autoridade, Quem pôde declarar: “Eu já venci o mundo”³⁰, como sinal de vencimento sobre todas as resistências mundanas.

Um dos passos mais enfáticos do que acima fica dito, da afirmação de Cristo sobre o mundo enquanto estado de coisas, é a dita oração sacerdotal no Evangelho joanino, onde diz O Senhor: “Doravante já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e Eu vou para ti. Pai santo, Tu que a mim te deste, guarda-os em ti, para serem um só, como Nós somos! Enquanto estava com eles, Eu guardava-os em ti, em ti que a mim te deste. Guardei-os e nenhum deles se perdeu, a não ser o homem da perdição, cumprindo-se desse modo a Escritura. Mas agora vou para ti e, ainda no mundo, digo isto para que eles tenham em si a plenitude da minha alegria. Entreguei-lhes a tua palavra, e o mundo odiou-os, porque eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. Não te peço que os retires do mundo, mas que os livres do Maligno. De facto, eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo”³¹.

Todavia, tornamos a sublinhá-lo, esta recusa do *mundus inversus* é, afinal, a recusa do inautêntico, da divisão, da desunião que constitui o κόσμος civilizacional, pois o que é visado é, ultimamente, a Unidade Universal: “Não rogo só por eles, mas também por aqueles que hão-de crer em mim, por meio da sua palavra, para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim”³².

³⁰ Cf. Jo 17, 33.

³¹ Cf. Jo 17, 6-16.

³² Cf. Jo 17, 20-26. Para uma meditação profunda sobre o significado último desta Unidade, veja-se, de LUBICH, Chiara, op. cit.

É pois curioso, e mais que isso, invertido, que o mundo proclame que seja a Igreja por Cristo instituída, a causa daquilo que Cristo vem a criticar no mundo. A Igreja antes é o legado de Cristo ao mundo para inverter o invertido, para cosmificar o caótico, para mundificar o imundo, para ser uma Arca Transmissiva no dilúvio do relativismo desreferenciado que tudo inunda, e donde, não se avistando terra, todas as direcções se equivalem lançando o homem no error (que o mesmo é dizer no pecado). Apesar de estulto, soa por inteligente dizer que Cristo não era Cristão e que a Igreja é uma perversão complicada dos seus ensinamentos simples. Ora Cristo institui indubitavelmente uma Igreja que tem como fundamentação litúrgica os Sacramentos que integram o Evangelho³³, organizando a desorganização. Por isso diz: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu”³⁴. Ou: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas quem não acreditar será condenado”³⁵. As leituras sardónicas de quem, enfrentando o dilúvio, esbraceja acima da linha d’água, julgando-se livre da circunscrição da Tradição representada pela Arca navegante, são necessariamente morais porque mundanas, jamais acedendo às dimensões alegórica, simbólica ou anagógica, mas mesmo à concreta da sua real situação de desesperante afogamento. Que a Arca deixe entrar água, que não seja uma nave perfeita, é evidente por ser feita de madeira, i.e., de matéria, e por assim ser imperfeita. A Igreja é entregue *ab initio* a quem trai Cristo três vezes, ou a quem perseguia Cristãos³⁶, mas o velame da Arca enfuna-se pelo Espírito Santo e A Proa, a Cabeça desse Corpo Místico, é Cristo em Glória, Aquele

³³ Veja-se o Baptismo (*Jo* 3, 5; *Mt* 28, 19), a Eucaristia (*Jo* 6, 48-58; *Lc* 22, 19), ou a Confissão (*Jo* 20, 23),

³⁴ Cf. *Mt* 16, 18-19. Veja-se ainda, em complemento, *Jo* 21, 17, ou *Act* 1, 7-8.

³⁵ Cf. *Mc* 16, 15-16.

³⁶ Cf. *Mc* 14, 66-72; *Act* 9, 1-18.

que venceu o mundo. Assim, se a Igreja é necessariamente pecadora, é também substancialmente Santa e, como Tradição undívaga na mesmidade do mar igual, constitui a possibilidade de alcançar a terra prometida que é, última e escatologicamente, a Jerusalém Celeste, mas que é também, desde logo, *hic et nunc*, o Paraíso na Terra pela participação no Reino³⁷. Cada Cristão é igualmente Igreja, célula do Corpo Místico, Unidade orgânica que assim se faz de diferenças convergentes, e não uma desorganização celular que recrudesce à tona de água como um cancro triunfal, ignorante sequer do organismo a que cause dano.

O referido antagonismo face à identidade Cristã ocidental equivale, assim, a um suicídio inconsciente de o ser, a um comprazimento na ignorada situação de error, justificado por um conjunto de equívocos quanto ao que seja a circunstância do homem actual e ainda quanto ao que seja, efectivamente, a religião e, especialmente, o Cristianismo³⁸. Isto é flagrantemente visível nas ditas massas letradas, instruídas nas sebtas do iluminismo-maçónico, do desconstrutivismo francês (que por graça apelidamos de “derridadaísmo”), dos humanismos sem homem que desmotivariam até um Diógenes, mas é, claramente (ou obscuramente), o ambiente generalizado que a todos pensa, deixando presumir que se está a pensar, no que designámos de pensáveis propostos, automatismo mental típico das sociedades democráticas³⁹.

Desde sempre que o Cristianismo foi para o mundo um escândalo⁴⁰. É ainda e sempre o escândalo da Cruz, é o escândalo para as sociedades funcionalistas e

³⁷ Cf. *Lc* 17, 21.

³⁸ Embora este estudo pretenda ser divulgativo mais do que uma pesquisa erudita, será interessante deixar a indicação de um outro contexto pensante. Na tradição indiana (como depois na grega) fala-se de uma economia de ciclos civilizacionais, estando nós no último antes da regeneração. Estaríamos pois na *Kali Yuga* (equivalente à idade do ferro), onde mesmo as Tradições religiosas (as únicas bóias de salvação no relativismo oceânico) não poderiam já viabilizar o transporte além da generalizada atmosfera de cerração. Veja-se, na literatura purânica, especialmente, *Bhagavata Purana*, 1, 18, 6.

³⁹ Considere-se o que a propósito problematizámos em VISTAS, Pedro, “Movimentar Águas Paradas ou da Libertação de uma Pedra que julgava ser um Pássaro (Um Programa de Transpolitização)” in *Nova Águia- Revista de Cultura para o Século XXI*, Nº 18, 2º Semestre, Sintra, Zéfiro, 2016, pp. 215-223.

⁴⁰ Cf. 1 *Cor* 3, 14.

utilitaristas a proclamação das bem-aventuranças, e é fundamentalmente o escândalo de desprezar o inessencial de que se compõe o mundo invertido: “Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar. Acumulai tesouros no Céu, onde a traça e a ferrugem não corroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. (...) Ninguém pode servir a dois senhores: ou não gostará de um deles e estimará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro. Por isso vos digo: Não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Porventura não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam! Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis, dizendo: ‘Que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos?’ Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema”⁴¹.

O Cristianismo aporiza (o homem mundano) em ordem a concitar uma experiência integral, incarnante, genuinamente espiritual. Crucifica a razão para que ela

⁴¹ Cf. *Mt* 6, 19-34.

se desprenda do só-imanente, ressurrecta numa sua oitava já intelectual, requerendo para tal uma iconoclasia extrema que as ditas “massas ilustradas” reconhecem no budismo zen mas jamais supõem na sua Tradição matricial, e isto sobretudo pelas caricaturas deturpadoras do Cristianismo, provindas daqueles que o vulgo tantas vezes entende como os libertadores dos jugos eclesiais⁴². O Cristianismo convoca à saída da Caverna de que a nossa civilização é a versão mais confortável e bem-sucedida na intrínseca ilusão hipnótica, donde o sofrer ataques sucessivos por parte dos prisioneiros que se julgam libertos⁴³.

3 – À laia de conclusão:

O Cristianismo não serve a esta sociedade porquanto esta sociedade não serve, de nenhum modo, à experiência Cristã. É por isso que o homem mundano tem de morrer em ordem a poder sequer começar a vislumbrar a diferença para si inopinada que é a substância do Cristianismo. O espiritual é invisível a quem não saiba fechar os olhos. O homem imanentizado não pode jamais alçar-se a qualquer patamar de ante-transcendência. A substituição das faculdades contemplativas pelo modelo mental positivo da verificação, com base num realismo monodimensional, ingénuo, e que se substitui ou impõe ao observador como coisa irrefutável, esquecida de ser um constructo mental, é o critério de avaliação da vida, ou, como é costume dizer-se, a *mundividência* habitual. A perda da mente simbólica deu lugar ao imediatismo representativo das muitas coisas que não chegam a ser coisa alguma. O Deus humanado não é jamais capturável nos humanismos correntes, por mais divinizados, e a caricatura

⁴² Há, pois, uma idolatria anti-idolátrica que perde de vista que no Cristianismo está em causa, antes de mais, a iconoclasia radical de todas as formas. Há assim uma pré-feita dogmática anti-dogmática que erra o acerto com o espiritual puro que é o que está em causa no Cristianismo, como, ademais, em todas as religiões.

⁴³ Cf. PLATÃO, *Rep.*, 516e-517a.

prevalente do Cristianismo é, afinal, em espelho, o *mundus inversus* a contemplar-se, vazio de significado, em crassa perda de sentido.

REFERÊNCIAS

- BALTHASAR, Hans Urs Von, *O Cristão e a Angústia*, Lisboa, Morais Editora, 1963;
- CASTILLO, José M., *La Ética de Cristo*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 2005;
- LIPOVETSKY, Gilles, *A Era do Vazio – Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo*, Lisboa, Relógio d'Água, s.d;
- LUBICH, Chiara, *A Unidade e Jesus Abandonado*, Parede, Cidade Nova, 1985;
- MARQUES, Silvestre António Ourives, *Tu Não Me Matarás – Implicações éticas da realibitação da Pessoa Toxicodependente*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2006;
- MARRAMAO, Giacomo, *Cielo y Tierra – Genealogía de la Secularización –*, Barcelona, Paidós, 1994;
- MOUROUX, Jean, *Sens Chrétienne, de L'Homme*, Paris, Aubier - Éditions Montaigne, 1953;
- PEREIRA, Miguel Baptista, *Modernidade e Secularização*, Coimbra, Almedina, 1990.
- RAHNER, Karl “Christian Living Formerly and Today,” in *Theological Investigations VII*, trad. David Bourke, New York, Herder and Herder, 1971.
- USTORF, Werner, “A missiological postscript”, in MCLEOD and USTORF (eds), *The Decline of Christendom in Western Europe, 1750–2000*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003.
- VISTAS, Pedro, “Do Insecularizável Cristianismo -uma leitura radical-”, in *Didaskalia*, XLVI, 2016, I.
- VISTAS, Pedro, “De Kant a Salomão, Para uma Ética do Discernimento”, in MARQUES, Silvestre Ourives, PANÃO, Miguel Oliveira, e VISTAS, Pedro (Coords.), *Transformar os Limites em Possibilidades, por uma ética ontológica relacional*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2011.